

FABIANO
LANA

BRASIL ACIMA DA LUCIDEZ

UMA INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICO-FILOSÓFICA
SOBRE O BRASIL E OS BRASILEIROS



FABIANO
LANA

BRASIL ACIMA DA LUCIDEZ

UMA INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICO-FILOSÓFICA
SOBRE O BRASIL E OS BRASILEIROS

70

Brasil acima da lucidez

Copyright © 2025 Edições 70.

Edições 70 é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2025 Fabiano Lana.

ISBN: 978-65-5427-295-7

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) (BENITEZ CATALOGAÇÃO ASS. EDITORIAL, MS, BRASIL)

L243b

1.ed. Lana, Fabiano

Brasil acima da lucidez : uma investigação jornalístico-filosófica sobre o Brasil e os brasileiros /

Fabiano Lana. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Edições 70, 2025.

240 p.; 15,7 x 23 cm.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5427-295-7

1. Brasil – Política e governo. 2. Cidadania. 3. Democracia. 4. Jornalismo – Aspectos políticos. 5. Sociedade – Brasil – Aspectos políticos. I. Título.

03-2025/75

CDD 320.981

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. BRASIL : POLÍTICA E GOVERNO 320.981

ALINE GRAZIELE BENITEZ – BIBLIOTECÁRIA - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da obra: Marco Pace

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Gerência Comercial: Claudio Lima

Produtora Editorial: Andreza Moraes

Diagramação: Vanessa S. Marine

Capa: Beatriz Frohe



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



AMOSTRA

*Para Marcela Sabino de Lana
(1973-2021)*

AMOSTRA

“Eu preparo uma canção que faça acordar os
homens e adormecer as crianças”

– **Carlos Drummond de Andrade**

AMOSTRA

SUMÁRIO

Prefácio – A Ética do Debate	11
1. Um país de tantos acasos	15
2. Brasil: uma nação acidental	22
3. Preencha seu vazio com petismo ou com bolsonarismo	35
4. Duas sentenças contraditórias podem estar certas ao mesmo tempo	46
5. Quadros do dia a dia do brasileiro	59
6. Dos 70 aforismas sobre batalhas e circunstâncias políticas	66
7. A pobreza por trás dos monumentos	83
8. Esquerda × direita e outros atributos – conceitos ou xingamentos?	91
9. Os estrondosos ruídos do carnaval e do futebol significam nada	99
10. Por mais que evitemos, a política é intrínseca à nossa vida	105
11. A distinção entre ações morais e resultados sociais (ou a hipocrisia da esquerda e o cinismo da direita)	108
12. Que tipo de política pode ser ética	114
13. Por que o Brasil parou de crescer o mínimo necessário?	122
14. O racismo está perto de nossos olhos. A solução, não.	133
15. O enigma de Milton ou para quem é a nossa cultura?	142
16. A religião como vida social e resposta à finitude	151
17. Os véus que impedem o conhecer	159
18. Uma proposta para todos os debates – a suspensão de premissas	166

19. A natureza que não nos pertence	177
20. O privilégio de viver uma era de revolução tecnológica	182
21. A violência intrínseca do Brasil	187
22. O incontornável Olavo	195
23. Os reacionários de todo o mundo estão unidos	203
24. Quando o Brasil é Gaza	206
25. Uma via mortífera pelo Brasil	209
26. Um vale com as nossas origens	213
27. A política do judiciário	217
28. Brasileiros, mas antes de tudo humanos	224
A história dessa história	229
Índice Onomástico	232
Bibliografia	236

AMOSTRA

PREFÁCIO – A ÉTICA DO DEBATE

Atrever-se a pensar o Brasil é um ato de ousadia. Um país tão vasto, com desafios e contradições ainda maiores, intimida qualquer um. E, no momento atual, essa dificuldade inerente de se pensar soluções para o problema Brasil vê-se acrescida de mais um obstáculo, na verdade muito maior e mais difícil do que a complexidade dos temas que impactam a vida nacional: a indisposição dos brasileiros para este debate. Dado que ninguém nunca terá o poder de simplesmente fazer a mudança sem a cooperação de milhões de outros indivíduos, essa construção de um debate público e as respostas que ele pode gerar é um passo imprescindível. E justo ele mostra-se impossível. Definitivamente, o Brasil não é para amadores.

É com uma boa dose de ousadia - e sem amadorismo - que Fabiano Sabino de Lana se coloca neste desafio de entender nosso país. A partir de sua experiência com a política e sua formação filosófica e jornalística, ele nos apresenta um conjunto de ensaios que, mais do que dar respostas, nos convida a pensar junto.

Lendo os textos que compõem este livro, podemos identificar três tipos de abordagem diferentes. O primeiro, histórico, que se pergunta sobre nossa origem e nossa identidade, tentando abarcar ao mesmo tempo nossa capacidade de convivência do diferente com a realidade de uma história marcada pela violência, pela injustiça e pela exploração. O segundo, jornalístico ou mesmo político, de discussão de temas que impactam nossa vida de maneira mais concreta. O crescimento econômico, a violência, a desigualdade. Conhecemos nossas carências, mas saber o quanto a condição social do Brasil nos aproxima da Faixa de Gaza é sem dúvida um insight perturbador. Em alguns casos, histórias pontuais como a da rodovia BR-381 servem como parábola dos descaminhos de todo um país.

Ambas as perspectivas, é claro, se misturam a todo momento: o histórico como contexto profundo da cobertura jornalística do presente. Numa obra que, em sua busca por entendimento da realidade nacional, pode mobilizar tanto a

antropologia de Gilberto Freyre, a sociologia de Raymond Aron e a economia de John Maynard Keynes quanto a música de Milton Nascimento e Nelson Ned. Estarão na nossa história e na nossa identidade cultural as respostas para as mazelas que ainda nos assolam no presente?

Fernando Henrique Cardoso, que une ao mesmo tempo a função de presidente e de pensador da política e do próprio Brasil, é uma referência incontornável que volta e meia retorna nesse debate.

A terceira abordagem que se nota nessas páginas é a filosófica, que olha para o próprio debate e busca desenroscar as travas mentais que nos impedem de avançar. Aqui, somos guiados principalmente pelo pensamento do filósofo Júlio Cabrera, cujo mandamento intelectual da ética negativa ele enuncia logo no início: “Aja te tal forma que com seus argumentos não procure destruir a posição contrária, ou mostrar a sua total insustentabilidade, abuso e desonestidade, mas apenas mostrar que você tem uma linha de argumentação alternativa que também é sustentável”.

Não é segredo para ninguém que vivemos tempos de profunda polarização. E a primeira baixa desse clima de guerra ideológica é a possibilidade do debate público produtivo. Ouvir o outro e, principalmente, ser capaz de considerar uma questão colocando a busca pela verdade acima da mera defesa do que é conveniente para o próprio time, é uma capacidade cada vez mais rara.

A mudança do debate público brasileiro nos últimos 11 anos é inescapável. É como se um portal tivesse sido aberto. E isso tem tudo a ver com a entrada de milhões de brasileiros no debate, graças ao advento das redes sociais, verdadeiras imprensas de Gutenberg do século 21. A questão é que essa expansão também mudou valores, referências e até a percepção do que são fatos. Com a multidão, veio também uma boa dose de ódio e confusão.

Simplesmente limpar o terreno argumentativo, tirando dele o entulho de rótulos e preconceitos que, mais do que tudo, travam a discussão, já é um trabalho intelectual meritório. Esquerda, direita, conservador, reacionário, esquerdista, socialista, fascista. Ou esses termos terão significados estabelecidos ou decairemos para a pura troca de insultos.

Nenhum de nós é uma instância de razão pura. Todos temos personalidade, temperamento, interesses, experiências distintas. Isso dá à nossas opiniões um inevitável viés. Isso não é uma falha, é parte constitutiva de como exercemos a racionalidade: não como inteligências abstratas, e sim como indivíduos concretos em toda nossa complexidade biológica, histórica, social e psicológica.

Assim, o debate público tem que funcionar com o humano tal como descoberto por Nietzsche e Freud, e não do puro racionalismo cartesiano.

Colocar-se de verdade no debate público, ademais, envolve um elemento de risco. Ao colocar as próprias premissas em discussão, abre-se, ao menos teoricamente, a possibilidade de ver que elas estão erradas e ter de rejeitá-las, com resultados imprevisíveis sobre as conclusões que, inicialmente, nos mobilizavam com tanta força. De nada adianta que aqueles que se dizem mais comprometidos com a democracia e a verdade não demonstrem em sua atitude essa postura elementar. Apenas reproduzem o que dizem combater.

Indo em sentido oposto ao da polarização emburrecedora, Lana se mostra menos preocupado em dar soluções definitivas do que colocar algumas das principais questões do país em termos aceitáveis para qualquer indivíduo que faça o esforço mínimo de se colocar com sinceridade do palco do debate. E isso inclui um esforço pessoal de considerar, sem preconceitos, o outro lado. E é o que ele faz ao considerar, num olhar honesto, o pivô da revolução ideológica que perpassou o Brasil: Olavo de Carvalho. Além, é claro, do esforço de compreender o fenômeno Bolsonaro, o que não significa apoiar suas ambições.

Perpassando a discussão política, está sempre ele, o Brasil. De maneira mais ou menos explícita, é o desejo de encontrar soluções para para esta nação tão cindida que anima os esforços de cada ensaio. E, assim, reacende o debate não só de nossos desafios, mas de nossas virtudes nacionais também.

“Como conseguir em nosso mundo uma convivência pacífica entre as pessoas apesar da diversidade de raças, classes, cores, religiões e convicções? Esse é o problemacom que toda a comunidade, todo país sempre volta a se defrontar. A nenhum outro país senão o Brasil, ele se impôs em uma constelação tão complicada, e nenhum outro país – e é como grato testemunho disso que escrevo este livro – conseguiu resolvê-lo de maneira tão feliz e exemplar como o Brasil.” Lana, com realismo, vê ingenuidade na visão deslumbrada de Zweig. Adiciona complexidades. Essa mesma visão, contudo, não deixa de ser parte do espírito e da meta que inspira seus textos e sua tentativa de limpar o terreno do debate público, para quem sabe promover a convivência produtiva a que estamos espiritualmente vocacionados e, ao mesmo tempo, tão distantes na prática.

- Joel Pinheiro da Fonseca

08/2024

AMOSTRA

1. UM PAÍS DE TANTOS ACASOS

Este é um livro sobre o Brasil, sobre os brasileiros, sobre a nossa história, a nossa política, a nossa cultura, os nossos interesses, enfim, sobre a nossa vida. E falar sobre um país é falar sobre sua gente. Falar sobre pessoas é tentar abordar a humanidade. E, para chegar às pessoas, temos que abranger todo o universo a partir do nosso quintal.

É um livro contado a partir de muitas perspectivas, muitos autores, de formações diversas e até mesmo divergentes, de lugares diferentes e distantes, buscando dar ênfase nas chaves da filosofia e do jornalismo, que por acaso são minhas formações e estão entre objetos de interesse e de trabalho. Nesta busca pelo Brasil, vou apontar para todos os lados. O que estiver à minha frente utilizarei como ferramentas de conhecimento, seja ciência política, cultura popular, literatura, impressões pessoais, redes sociais, intuições de outras pessoas que li ou convivi, célebres ou anônimas. Inclusive formulações de muita gente que nunca refletiu sobre nosso país, mas cujos pensamentos servem para nos explicar. O que estiver ao alcance será utilizado para apreender o inapreensível Brasil e sua gente. De certa forma, haverá, no livro, um diálogo com pessoas de todo o mundo sobre as coisas do Brasil, que muitas vezes são também as coisas do mundo.

Desde já apresento um pouco da minha concepção de filosofia das argumentações, que é nunca considerar qualquer afirmação absurda por si. Traduzindo-se a ideia para o debate brasileiro e mundial sentenças como: *“Não houve golpe”, “Não houve ditadura”, “Não há aquecimento global”, “Cuba é um país mais democrático do que os EUA”, “O nazismo é de esquerda”, “O Brasil não é um país sério”, “O sentido da vida é caminhar para a morte”, “O estilo musical sertanejo universitário é mais rico em harmonia do que o jazz”, “Olavo de Carvalho não é filósofo”, “É impossível um cristão ser de esquerda”*. São apenas teses que podem sobreviver ou não a depender do que vier depois. Clichês ideológicos,